



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**KAREN DE FREITAS LANG ROCHA (2)**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Entrevistada:** Karen de Freitas Lang Rocha

**Local da entrevista:** Curitiba

**Entrevistadora:** Maria Thereza Oliveira Souza

**Data da entrevista:** 28/06/2016

**Processamento da entrevista:** Maria Thereza Oliveira Souza

**Páginas Digitadas:** 23

**Número da entrevista:** E-773

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

### Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Maria Thereza Oliveira Souza intitulada “*Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar*” - *atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná em fevereiro de 2017.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2017.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## Sumário

Início no futebol; Seleção Brasileira; Influência para praticar futebol; Remuneração; Clubes que atuou; Saída da seleção; Campeonatos disputados; Jogos Mundiais Universitários (Universiade); Realizações no futebol; Jogos Pan-americanos; Apoio da família; Preconceito; Campeonato Brasileiro, Draft; Clube de Regatas Flamengo; Marinha; Treinadoras; Empresário.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Bom dia Karen, primeiramente gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome completo, sua idade, e se você quiser contar um pouquinho da sua trajetória no futebol.

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Meu nome é Karen de Freitas Lang Rocha, tenho trinta anos, jogo futebol profissionalmente desde os dezessete, que foi quando eu sai daqui de Curitiba, através de um empresário que me deu uma oportunidade. Eu jogava no Frieschman, que é amador aqui, era amador né, porque não existe mais, com o técnico Gerson e ele que conseguiu encontrar esse procurador, tal, esse empresário, que era até empresário do Denilson na época e ai ele levou cinco jogadoras daqui pra fazer teste no Santos. E ai foi a grande oportunidade da minha vida...eu acho que eu tinha menos que um ano e meio jogando bola aqui e nas competiçõeszinhas que tinham aqui, então assim, a partir dessa oportunidade que eu me considero jogadora né. E ai eu fui pra lá, fiz o teste, passei e fiquei lá até 2005.

Depois eu fui pra São José do Rio Preto e não fiquei muito tempo lá, porque não tinha estrutura, não tinha o mesmo padrão do Santos (apesar de que eu passei por muitas dificuldades na época do Santos). Também por problemas familiares eu retornei a Curitiba e tinha decidido que não iria jogar mais. Depois disso, eu fui pro Duque de Caxias, voltei, joguei aqui pelo Jaborá, do Hauer, era uma confusão né [risos e sinais de bagunça com as mãos]. Depois, eu fiquei no Duque de Caxias por um bom tempo, até 2012 e...voltei pra...não, [negação com a cabeça] dai eu fui convidada para ir pro São José, joguei no São José até 2013 e fui pra Marinha, final de 2012 pro início de 2013 eu entrei pra Marinha e estou até hoje. Isso é bem resumido, estou contando bem resumidamente...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Sim...ai a gente vai conversando mais detalhadamente.

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Ai eu tive minhas passagens pela seleção, você quer que eu conte também?

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Pode contar, pode contar...

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É? Então, aí nesse período que eu joguei nesses clubes eu tive participação na seleção com dezenove anos, que aí eu fui pra Tailândia disputar o primeiro mundial da categoria né, que era até sub19 e depois eu tive algumas participações pela seleção, em 2006, e aí voltei pra jogar o Pan-americano que foi em 2011, até ganhei a medalha de prata em 2011. Também participei pela seleção universitária em 2011 na Coreia, e agora esse ano também tive participação...(Coreia não, foi na China – nossa, até [gesticulações de quem se perdeu na fala], é porque é muita coisa né. Pela universitária foi na China e esse ano foi na Coreia, que eu fui campeã militar na Coreia.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Então agora vamos desde o início, de que maneira o futebol se inseriu na sua vida? Você começou a praticar com que idade?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Ah, eu comecei por mim, eu não tinha influência de ninguém, não tinha influência de pai (porque meu pai é garçom, não sabe nem chutar uma bola, não sabe nem que função eu faço dentro do campo), minha mãe também não tinha time, não tinha nada. Eu não sei, acho que foi paixão pelo fato de gostar muito de coisas masculinas, porque eu não gostava de boneca, eu gostava de tudo que era ligado ao esporte. Então ah, é corrida, tudo o que você imaginar que tinha ligação com corrida, com obstáculos, qualquer coisa, eu era envolvida, eu gostava e então, eu acho que o futebol entrou a partir disso daí. Eu não tinha ideia de como era o preconceito, que menina não podia jogar, mas desde cedo eu sofri com isso, pelo fato: “Ah, essa aí é Maria João” e eu não entendia, pra mim não tinha sentido e porque eu me destacava junto com os meninos, eu cresci junto com eles, porque era um padrão só de idade, e fui, fui crescendo com eles e depois começaram as chacotinhas e as brincadeiras de mau gosto. Daí eu jogava dentro da escola, mas eu tinha que impor (eu não entendia porque), mas eu acaba impondo pra poder jogar, dava porrada nos meninos mesmo [risos]. “Pode me botar” [risos] e daí nisso, tinha uma menina, uma colega da escola que também gostava, então eu tinha uma coleguinha que jogava, então já era um motivo pra eu querer jogar sempre né. E depois com o tempo eu meio que desisti, depois que eu comecei a entrar numa certa idade, a partir de onze anos, doze anos, eu meio que desisti. Só que depois eu troquei de escola, fui pro bairro que até hoje minha família mora, aí eu conheci outras meninas que jogavam, e aí era um número maior, que era dentro da escola, tal. Então, a gente sempre ia jogar contra outras escolas, outras equipes, então elas

me motivaram, mas eu não levava a sério não, era só prazer mesmo né, não tinha aquela coisa, aquela dedicação, a gente tinha um dia pra treinar, dai nós fomos jogar e tal, nos destacamos lá no lugar e a mulher deu a cancha pra gente treinar, ai toda quarta-feira a gente ia até esse lugar lá (era uma caminhada) e jogava e depois voltava num grupinho né, de sete, mas assim, nada sério, até meu pai me levar pra fazer um teste (até era Vila Hauer com o Frieschaman, era uma ligação que tinha aqui). Eu fui, mas não tinha o pensamento que um dia isso se tornaria profissional na minha vida né. Dai graças a Deus deu certo, foi a partir dos dezesseis anos. Mas eu tive um período bem conturbado, não queria saber de futebol, até me envolvi em coisas erradas, queria beber...coisas de adolescente mesmo e até eu falo (eu já dei outros depoimentos), eu até falo que o futebol me ajudou muito a me afastar de muitas coisas, até de drogas, essas coisas. Não tive um envolvimento forte, mas eu cheguei a conhecer né, e o futebol conseguiu me afastar de tudo isso.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Então, no início você praticava em meio a meninos, porque não existia time feminino mesmo?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não, não existia [ênfase]. E assim, brincava na rua, não tinha campinho, não existia campo né. Era na rua, qualquer lugar que tivesse um espacinho e dentro de casa eu brincava com meus irmãos. Eu tinha um irmão e um primo que moravam comigo, mas eles também não jogam bola, não tinham aquele interesse todo né. Era mais da minha parte, eles que me acompanhavam, não era eu que ia para o lado deles, porque eles são mais novos do que eu. Então, enfim, eu não tinha influência, era mais os amiguinhos mesmo, na rua, era aquela coisa normal de criança...não tinha escolinha, nada.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Então o primeiro momento em que você teve uma equipe exclusivamente feminina foi aos dezesseis anos, isso?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Isso...porque dai eu fui. Não. Praticamente...é, entre os quinze, dezesseis anos, que dai foi essa equipe que era da escola, que nós começamos a montar e dai a gente fazia amistosos em vários lugares, que dai a menina pegou e deu a cancha pra gente. Então eu jogava com elas, era certo, uma vez por semana. E aí, depois que eu fui pra essa equipe do Frieschmann que eu comecei a conhecer um pouco mais do futebol feminino na cidade de Curitiba. Daí sim, era uma coisa certa, todo final de semana,

continuava jogando com as meninas na quarta-feira, e no final de semana era certo que eu tinha campeonato, que eu tinha compromisso com o futebol, então foi daí que eu comecei a ter compromisso.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E era futebol de campo?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Era futebol de campo, futsal, society, era tudo, na verdade era tudo...areia, tudo que tinha aqui em Curitiba a gente jogava. Mas mesmo assim era muito amador, não levava a sério, não treinava, não tinha essa questão de poxa, você viver do futebol. A partir dos dezessete anos que eu falo que eu comecei a ser jogadora de futebol, daí eu tinha compromisso só em jogar bola, segunda a domingo, não tinha feriado, não tinha nada, tinha que treinar, acompanhar, ter uma rotina mesmo de atleta.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Foi nesse momento que você começou a ser remunerada pra jogar futebol?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não, não. Sempre foi ajuda de custo no futebol feminino, talvez não pra algumas jogadoras né, mas pra quem estava iniciando era ajuda de custo. Mas eu tive muita dificuldade. Quando eu fui pro Santos eu recebia de vez em quando uma ajuda de cem reais. E nessa época era muito difícil...eu acho que eu recebi duzentos reais no primeiro ano que eu fui, foi seis meses que eu fiquei né, certo. Eu cheguei lá em junho de 2002, então nesse período eu só fiz o teste e voltei, aí em agosto que eu entrei mesmo na equipe para disputar né, daí tinha uma competição que era considerada o paulista pra eles. Só tinha duas competições no ano, você treinava, treinava, e só tinha duas competições. E eles davam ajuda para as meninas, que eles falavam que era um salário, mas era uma ajuda de custo, e eu que estava iniciando ganhava cem reais. Mas eu ganhei duzentos reais nesse período de seis meses. E aí no outro ano já foi mais difícil. A prefeitura cortou os custos e eles não davam nada. As vezes eles davam (a gente pedia né) e eles pagavam um creme, shampoo, essas coisas. Porque alimentação e moradia eles davam, única coisa era o dinheiro mesmo [que não davam]. Mas tinha as outras coisas pra comprar né, e eu não queria dar despesas na minha casa, por causa das dificuldades. A minha família nessa época estava numa situação muito difícil, porque meu pai estava desempregado. Foi bem numa época em que as pessoas que perdiam emprego não conseguiam emprego de jeito

nenhum. Ele estava com quarenta anos e falava: “depois dos quarenta é mais difícil ainda”. E aí ficou muito tempo sem trabalhar nessa época...era difícil. Se eu pedisse dinheiro pra ele eu poderia estar tirando dinheiro de dentro de casa né, tipo assim, sei lá, o arroz, o feijão. Então, eu não queria preocupar eles, então eu passei com muita dificuldade, às vezes passava com quinze reais o mês, dez reais no mês, e assim, no aperto mesmo, uma ajudando a outra, porque não tinha recurso nenhum da equipe. Acho que no terceiro ano melhorou um pouquinho, melhorou um pouquinho em 2003. Não, é...não. 2003 foi o pior ano, que daí não teve competição no começo do ano, só no segundo semestre e aí eu fui pra lá e também não pagaram. Daí no ano de 2005, que daí 2004 eu fui pra seleção e aí consegui né, dentro da seleção eu tinha um salarinho lá que você recebia, que era das diárias, e aí com esse dinheiro que eu me mantinha né. E aí 2005 foi o ano em que o Santos começou a ter força, que a gente ganhou a competição, então o Santos começou a ganhar força, começou a ser divulgado e tal, e aí eu sai, foi no ano que teve a divulgação e tal, que depois virou “As sereias da Vila”.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você saiu por quê?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Porque...simples [risos]. Porque esse técnico que na época era do Santos, era muita promessa, era muita coisa, e assim...o que que ele conversou comigo: “fiquem aqui esse próximo ano” (porque 2004 eu e uma outra jogadora tínhamos ficado lá). Ele ó: “fiquem aqui comigo, vai entrar um dinheiro esse ano e vocês vão ganhar um valor maior”, coisa de promessa né, e aí ele falou: “vou pagar pra vocês um tanto” (que na época era um valor supérfluo né) [risos] e ele falou: “aí daqui a pouco vai entrar um patrocínio e eu aumento o salário de vocês”. Só que assim, você vive no meio de um monte de meninas e não adianta, as conversas chegam, e aí ele tinha contratado outras jogadoras, que quando chegaram a gente descobriu que ganhavam mais que a gente. Então a gente começou a descobrir que existia muita mentira. A gente jogando no amor e ele na sacanagem. A gente por amor, por respeito a ele né, estávamos ali, porque tínhamos recebido outras propostas, e aí começou a aparecer as coisas né, principalmente questões de dinheiro, não era nem pelo fato do dinheiro em si, mas pela mentira né. E aí começou a ter conflito, a gente começou a bater de frente, não tinha lógica ele inventar aquilo pra gente e tal. E aí no outro ano a gente não deu continuidade.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E nesse período que você foi pra seleção, era seleção principal?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não, em 2004, foi seleção sub19.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Sub19... e aí você recebia diárias, você lembra o quanto vocês ganhavam?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Então, as diárias antigamente eram de 40 reais por dia, acho que 40 reais por dia.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Então as seleções de base também recebiam esse valor?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Olha, eu não sei se eu posso confirmar que era esse valor. [expressões de dúvida].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Mas algo aproximado...

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Porque depois aumentou, eu não lembro se era vinte, era alguma coisa assim, mas pra gente era muito. Quinze dias dava setecentos, oitocentos reais, eu não sei, eu não tenho em ideia, você tem que dividir aí, porque eu não sei, eu não lembro exatamente, porque depois eu lembro que era quarenta reais e a gente falava: “nossa, era pouquinho”. Mas em comparação com o masculino era muito inferior né, mas a gente se contentava com pouco sabe, porque quando você gosta de fazer uma coisa...eu tinha pretensão de trabalhar, comprar uma casa jogando bola, então sabe, um carro, conquistar tudo aquilo através do futebol. E o futebol eu sabia que não ia me trazer aquilo, pelas condições que as equipes tinham. A gente conversava com todo mundo, conversava com a Cristiane, né, com quem a gente tinha contato. A única pessoa que estava em ascensão mesmo era a Marta né, que estava disparando no país, enfim, estava indo pra fora e tal. Então a gente sabia que a nossa realidade dentro do país era aquilo ali e a gente se mantinha pelas promessas dos dirigentes dos clubes, das pessoas que eram envolvidas, e a gente não tinha ideia de como era uma mentira grandiosa. Talvez eles, (até hoje eu não sei), se por trás disso eles ganharam muito dinheiro, porque o que eu via era que não

faltava nada pra eles, mas as jogadoras (as pessoas que eram responsáveis pela equipe, que seguravam as pontas, que estavam ali sofrendo realmente) não tinham valor nenhum. Isso era o que me incomodava, e até por isso que eu parei em 2006. Quando eu vi que isso...quando eu fui pro São José do Rio Preto (que eu até comentei com você, que é o atual campeão brasileiro), assim, eu tive uma briga séria com o técnico, porque eu fiquei muito brava. Eu estava indo pra seleção principal, e quando eu cheguei na equipe, as meninas estavam pedindo, implorando por dinheiro pra comprar absorvente, porque não tinha, eles não davam dinheiro para as jogadoras, nem pra mim...não pagaram nem um mês que eu fiquei lá. E aquilo estava me incomodando, às vezes eu tirava do meu bolso pra ajudar: “vai lá comprar”, entendeu? Porque eu achava um absurdo, como que a menina vai ficar sem absorvente? E a maioria das meninas era carentes, não tinham condições de ficar ligando pra casa pro pai sustentar, realmente todo mundo morava ali. E eu briguei feio com eles na época e fui embora, não quis nem saber, fui embora e tal. Pra você ver como eles foram tão errados comigo na época, nessa briga, nessa discussão, porque eu falei as verdades pra eles e tudo mais...uns anos depois, logo em seguida eles me convidaram de novo pra jogar, umas duas ou três vezes e eu não aceitei. Porque eu falei: “eu já sei como funciona”. Ai eles até falaram: “não, agora você recebe direto do banco, não é repassado pra gente, vai ter uma conta, é pela prefeitura, tudo certinho”. Pra eles terem credibilidade com a gente, ou seja, “ah não, agora tá certo”. Então você vê que só na fala deles assim, já tinha falcatrua nessa historinha toda, então sei lá, era muito complicado, era bem complicada a situação.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E nesse momento você ficou em Curitiba?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É, eu desisti de jogar. Até joguei as competições aqui, metropolitano, paranaense aqui nos clubes. Joguei na época no Vila Hauer, que era até a Noeli que comandava, que me trouxe né, pra jogar. Nessa época ela me ajudou bastante. Dai nisso eu pedi pra sair da seleção, porque eu não tinha cabeça pra treinar, pra jogar. Então eu pedi pra eles pra me afastar. Dai no outro ano eu fui convidada pra jogar pelo Jaborá, dai iniciei no Jaborá e fiquei só um período. Acho que foi 2007, ai ainda no finalzinho de 2007 teve uma competição muito boa, que foi a Copa Linar, que nós fomos pra São Paulo, pra São Paulo não, pro Rio de Janeiro, ai joguei lá com o pessoal e voltei. Ai no outro ano eu fui convidada pra jogar pelo...(eu joguei o ano todo pelo Jaborá), ai fui

convidada pra jogar pelo Vasco, pra jogar uma competição pelo Vasco (até isso eu esqueci comentar, que eu joguei pelo Vasco também, em 2007). Aí 2007 eu fui nessa competição que as minhas amigas me viram eu falava com elas, mas não comentava que eu jogava bola. Assim, eu estava desanimada, era só pra me manter mesmo, eu jogava só pra me manter. Ai que eu fui pro Rio de Janeiro pra jogar, ai eu joguei dois jogos lá, joguei só dois jogos e nessa daí que minhas amigas me viram e pediram pra eu ir pro Rio de Janeiro, me apaixonei pelo Rio...ai fui pro Duque de Caxias, fiquei um período lá, é meu time do coração. Fiquei, e aí até dois anos depois ganhei uma Copa do Brasil, em 2010, que é uma das competições mais importantes que tem no país né. Enfim, dali abriu portas pra um monte de coisa, que daí eu voltei pra seleção de novo, fui pra Universiade, depois fui convidada pra ir pro São José, o São José tinha acabado de ser campeão da Libertadores, fui campeã de novo da Copa do Brasil, ganhei o paulista. Então foi um dos períodos que eu fui melhor na minha carreira, que eu comecei a me destacar mesmo, foi nesse período entre 2010 até 2013, por aí.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E nesse momento, você conseguiu se manter com o seu salário no futebol?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Sim, aí sim, quando eu fui pro Duque de Caxias. Aqui, enquanto eu joguei pelo Jaborá eu tinha um salário, era uma ajuda de custo na época, mas era até um valor bacana assim pra nível nacional né, na época. Ai me mantinha aqui em Curitiba, ajudava minha mãe e foi o período que eu consegui terminar o Ensino Médio, porque antes eu não consegui nem estudar, me formei com vinte e dois anos no Ensino Médio, vinte dois anos, foi tarde porque eu não tinha tempo pra estudar antes e ai eu aproveitei esse ano que eu fiquei eu Curitiba só pra isso e aí eu jogava pelo Jaborá. E aí depois, quando eu recebi esse convite pra jogar pelo Vasco né, foi um período que eu fui só pra ganhar dinheiro, então eu fiquei uma semana lá, mas eu só fui pra ganhar dinheiro, porque eu já estava com meu nome formado né. Aqui no país eu acho que até eu sou bem conhecida, em São Paulo, Rio de Janeiro...Curitiba nem tanto, mas em São Paulo e Rio de Janeiro em sou um pouquinho mais conhecida. Daí eu fui pra lá, me contrataram, e eu falei: “mas eu só vou poder jogar esses dois jogos” [risos]. Dai eu fui lá só pra jogar esses dois jogos e nessa daí que veio a oportunidade pra ir pro Duque de Caxias. Daí o Duque de Caxias tinha o patrocínio, que era uma empresa lá da Petrobras mesmo, e essa empresa era

tudo certinho, era um contrato firmado, pagavam todo mês, era dinheiro direto na conta, tinha plano de saúde, tinha tudo. E até no ano em que nós vencemos a Copa do Brasil (pra você ver como são as coisas), uma outra empresa entrou pra patrocinar a gente, aí deu quebra de contrato né, porque eram duas empresas, aí eu não sei como funciona, acho que no contrato não podiam duas empresas terceirizadas né, trabalhavam pra Petrobrás, aí como no contrato não podia ser assim, fechou o contrato, acabou o contrato com a gente e eles entraram. Aí o que aconteceu, o presidente, primeiro dinheiro que foi entrar pro clube, pra nos pagar, ele sumiu com o dinheiro, aí foi quebra de contrato, aí também cortaram contrato com o clube. Aí a gente perdeu e depois disso o clube praticamente acabou né. Ainda continua, disputa as principais competições, tem força, mas por causa dessa corrupção, desse roubo todo, as jogadoras, na verdade quem são as mais prejudicadas são as jogadoras né. Aí foi por causa disso que eu saí e fui pro São José, entendeu?

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Ahun. E qual você seu momento de maior realização no futebol?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Realização?

**Maria Thereza Oliveira Souza** – É... Em que você mais se sentiu bem por jogar futebol?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Nossa, tive vários. Acho que foram as principais competições em que eu disputei finais, porque eu sabia da dificuldade que eu estava passando, passava um vídeo na minha cabeça. Mas um momento assim que me marcou muito foi em 2011 que a gente perdeu a final pro Canadá [Jogos Pan-americanos], porque era uma realização muito grande na minha vida, estava dando tudo certo e pra mim era...eu tinha feito uma promessa pro meu tio né, que (ele estava com câncer e tal). Assim, era uma realização, que eu estava na final e foi uma coisa...foi a maior, foi grandioso demais assim na minha cabeça [gestos afastando bem as mãos uma da outra, de forma a expressar o tamanho de algo], mas foi também o mais decepcionante porque eu não ganhei a medalha de ouro né. Mas assim, foi o momento mais emocionante que eu tive. Poder representar o país, saber que a minha família estava acompanhando, assistindo. Não só a minha família, como meus amigos. Realmente, assim, eu estava sendo reconhecida pelo que eu estava fazendo, pelo meu trabalho...nem tinha dinheiro até. A seleção não estava...antigamente a

gente até recebia mais. Não era dinheiro, era satisfação, era satisfação das pessoas realmente verem que eu não estava brincando, que eu realmente saí de casa, que eu fui correr atrás do meu sonho, que eu estava realizando um sonho. Assim, eram muitas coisas envolvidas, e realmente pra mostrar pra minha família que tudo estava valendo a pena. Naquele momento estava valendo a pena. [Expressão de pesar, como se lembrasse de tudo o que havia passado para chegar no momento da referida competição]. Que eu tinha chegado, poxa...na seleção brasileira quem não quer chegar né? E estava realizando um sonho de ainda disputar uma final, e eu jogando. Então era um...eram um, nossa, era muita coisa na minha cabeça, assim, ao mesmo tempo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E nesse Pan, de Guadalajara, né?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Isso...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – As grandes estrelas do futebol feminino estavam presentes no grupo? Cristiane, Marta, Formiga...você teve contato com elas?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – A Formiga eu joguei até no São José, joguei no Santos, São José. A Cristiane não estava, estava pra fora do país e a Marta também não. Só estava presente a Formiga, Maicon, Tânia Maranhão, conhecidas né...Maurine, Debinha, Thaisinha, ééé...qual o nome dela, que agora não lembro realmente, Beatriz, a Bia né, que está na atual seleção, enfim, tinham bastante jogadoras, a Renata Costa, que já tinham uma história dentro do futebol, a Fran. Então, eram várias jogadoras importantíssimas, que são ainda no cenário brasileiro, e até a goleira, a Bárbara. É, tinham bastante jogadoras assim.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E de que maneira ocorrem essas convocações? De que maneira você foi contatada de que você estava sendo convocada para o Pan-americano? A gente sabe que no futebol masculino há toda uma coletiva de imprensa, enfim. Como acontecem essas convocações no futebol feminino?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Eu não sei como está funcionando hoje, porque eles simplesmente montaram a seleção permanente né. Então, o Vadão fez a seleção baseada nas campeãs e na verdade, nem são todas as jogadoras que ganharam, porque o São José

que estava em primeiro lugar no ranking e foram só algumas, acho que foram só três. Se tiverem duas do São José hoje na seleção são muitas. E tinha também o pessoal do Araraquara e tal, e daí depois o Araraquara ganhou uma competição. Então eles foram montando baseando nas principais competições que foi a Copa do Brasil e o Brasileiro né. Mas antigamente, todo mundo jogava e quem se destacava ia pra competição, não era formada dessa forma. E aí ele tirava a base da equipe e dela dava continuidade e ia fazendo as renovações até pra ver quem se encaixaria na equipe né e quem poderia ser utilizada pra competição, no caso são as Olimpíadas, o mundial, sul-americano, então eles faziam dessa forma né. Ai chegava, convocavam, eram quinze dias, treinavam, a menina que se adaptasse dava continuidade em duas, três convocações, e se ela não fosse bem nesse período (eles iam dando chance, entendeu?), eles cortavam e davam oportunidade pra outra pessoa. E na minha época não foi diferente, aconteceu isso. Eu tive a competição da Universíade e foi justamente com o técnico da seleção na época, que era o Cleiton Lima. Ele me convidou porque viu eu jogando a final em 2010, (eu já tinha sido atleta dele), e aí ele foi, me convidou e eu fui pra Universíade. Na Universíade eu fui muito bem...na competição até foi a Thaisinha, foi a Debinha, foram algumas jogadoras que depois ele convocou para o Pan-americano. E como eu tinha ido bem, foi dois meses antes do Pan-americano, aí ele foi e me convocou de novo, e nessa eu fui, entendeu? Mas pelo que eu tinha feito em 2010 e né...tinha dado continuidade, então eu acho que a partir dali que ele convocou. Mas ele deu oportunidade pra várias meninas na época, tanto do Santos, que ele era técnico do Santos. Depois ele deu assim pra outros clubes, outras jogadoras. E daí nisso tinha tido o mundial antes, e aí depois ele fez...no Pan-americano a ideia da seleção, eles levam uma equipe forte pra ganhar a competição, mas a Marta não é liberada pro Pan-americano, porque não é padrão FIFA, eu acho que é da CONMEBOL, alguma coisa assim, eu não sei como é que funciona. Então a Marta não é liberada, algumas jogadoras não são liberadas, por isso que ele montou uma equipe forte, mas um pouco mesclada né, no caso só dos clubes do país.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você recebe telefonema, e-mail...?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Aaah sim, quando acontece isso?

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Sim...

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É, na verdade a CBF manda uma carta, uma mensagem pro clube da jogadora e aí nessa o clube já passa o telefone, o contato da jogadora e aí eles entram em contato diretamente com a jogadora. Antigamente, se não conseguiam falar com o pessoal do clube, eu creio que eles conseguiam com as próprias jogadoras, porque é muito pequeno o [mundo do] futebol feminino, todo mundo se conhece – a maioria das jogadoras. E aí conseguia entrar em contato sem precisar entrar com o clube, entrava diretamente com a jogadora e a jogadora era informada. Ou diretamente com o técnico. Então, funcionava assim antigamente né, agora eu não sei como que está.

**Maria Thereza Oliveira Souza** - No mundial universitário que você falou...2010, isso?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Uhum.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Como aconteceu o processo pra sua convocação pro mundial?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Eu na verdade não sei como foi feito, porque tem a CBDU né, que é responsável pela competição, quero dizer, a CBDU é como se fosse a Confederação Universitária daqui, é a responsável pelo esporte universitário no país. E aí, eu na verdade não fui selecionada, eu não fiz teste, não fiz nada, mas o meu técnico, no caso o técnico que me chamou e eu fui, entendeu? Ele montou a equipe e pegou as jogadoras conforme ele conhecia né, tanto que a equipe universitária a nível da equipe da seleção mesmo que foi montada depois era muito mais [gesto com as mãos elevadas]. Assim, as jogadoras eram experientes, eram excelentes jogadoras, mas eu não sei se pra seleção todas iriam, entendeu? Até pelo fato da idade, porque vai até 28 anos né, aí eu na época tinha 26, então, aí era as meninas com idade um pouquinho mais baixa e tal. Enfim, tinha que ser universitária e a partir disso que ele tirou.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E com relação a sua família e o futebol, em algum momento você sofreu alguma resistência por parte deles, por querer jogar?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Só quando eu quis sair de casa com 17 anos. Meu pai e minha vó não queriam que eu saísse de casa. Foi uma imposição da minha mãe [risos]. Ela falou: “Você vai. Pronto, acabou.” E falou pra eles: “ela vai”. Minha mãe impôs e falou: “É isso o que você quer?”. Ai eu falei: “quero”. Porque ela falou depois pra mim que se eu não fosse eu poderia ter guardado uma raiva, um rancor, uma tristeza pra minha vida toda né, porque eu não tentei. Ela falou: “pelo menos você tenta e se não der certo, você tem tua casa e você volta”. Então ela pensou nisso, de eu ter uma oportunidade e sair de casa e realmente fazer o que eu gosto e se eu me arrependesse eu tinha meu lugar em casa né. Mas meu pai não, meu pai não queria...meu pai não ajudou em praticamente nada no começo assim, por ele eu não [balançando a cabeça em sinal negativo]. Ele falou: “não, por mim você não vai embora”. E minha vó também, minha vó pediu, pediu, fez pedido pra eu não ir. Mas só que eu falei: “não vó, eu vou tentar e se não der certo eu volto”. Aí ela que sofreu mais assim, da família quem sofreu mesmo foi minha vó.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E preconceito de gênero por jogar futebol, você sofreu em algum momento da sua carreira?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Sofri. Sofri bastante. Na verdade, na verdade...isso na minha adolescência né, porque depois quando eu realmente...porque o que contava era a camisa né. Quando eu falava para as pessoas (eu não ganhava nada), mas quando eu falava para as pessoas: “ah, eu jogo no Santos”, que nem hoje, eu falo: “ah, hoje eu sou da Marinha e jogo no Flamengo”, as pessoas já se assustam, falam: “nossa, você joga!” e nem sabem que o Flamengo praticamente não fornece nada pra gente, é só camisa e só. Então, as pessoas quando falam: “pô, joga no Flamengo”. Na cabeça deles: “poxa, então elas são que nem jogador profissional – pede a camisa, pede as coisas”. E eu falo: “gente, a gente nem ganha camiseta”. E se eu não lavar...a gente até faz revezamento pra lavar roupa lá, a gente que lava o nosso uniforme, a gente que se vira, e se a gente não fizer isso não tem ninguém pra ajudar, e as pessoas não entendem isso né. Mas, depois que eu fui pro Santos as pessoas não falavam muito, depois que eu fui pra seleção falaram menos ainda, entendeu? Então, eu conquistei o respeito como atleta, como jogadora né, ah, porque me viam na TV. Mas assim, quando eu falava: “eu jogo bola” (eu não falava o clube), eu falava assim: “ah, eu sou jogadora de futebol”, e as pessoas: “ah, é? Legal” [expressão de pouco interesse]. Não era nem assim que a pessoa falava, mas eu sentia né [o preconceito].

E também tive, quando eu falava como era a situação, o pessoal: “ih Karen, vai trabalhar, vai fazer alguma coisa”. Falavam: “ih, já deu pra você já”. Porque sabiam que eu estava ali pelo amor mesmo né, não era pelas condições. Mas assim, preconceito de gênero que você fala assim: “ah, você tem que lavar”...né, posso te dizer que eu tive pouco depois de jogar profissionalmente. Antes sim, antes era coisa de adolescente: “ah, que que você está fazendo aqui?” e tal, mas eu não me importava não, nunca levei muito a sério não. Mas eu acho assim, que essa maior questão aí você vê pela desigualdade assim, de salário, entendeu? De vestiário...você chega e eles não estão nem aí se é mulher, eles não respeitam sabe? Se mulher vai jogar: “mas pô, vai jogar mulher?”. Eu acho que é preconceito de as pessoas não irem aos estádios, de não ter divulgação, de não ter apoio. Quando se trata de futebol feminino, de esporte pra mulher, o futebol feminino e isso eu vejo em outras modalidades, as pessoas, o homem em si ele não se interessa muito, se não for atrativo pra ele, se a mulher não usar uma coisa sensual. De alguma forma, isso pra mim já é um tipo de preconceito sério, entendeu? Se a menina não for bonita, se a menina tem cabelo curtinho. Hoje em dia as mulheres estão entrando num padrão bem feminino pra poder tentar atrair a família, o homem pro esporte. Ai você olha na televisão e você que as meninas lá [referindo-se a outros países, provavelmente aqueles que tem uma estrutura mais desenvolvida para o futebol feminino], elas são elas, elas não precisam disso pra trazer a família pra assistir o futebol, elas não precisam disso pra...né. E aqui não, o nosso país (que é o país do futebol), a gente tem uma separação. Ah, essas aqui são as meninas (tem meninas que são um pouco mais masculinas), então, há uma separação...tipo, não é o padrão feminino: “ah, eu não vou ver homem jogar”, então eles acabam tirando de lado, acabam afastando, entendeu? É nesse sentido assim, pra você entender um pouquinho.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E com relação a isso, você tem conhecimento de que em algum clube ou na própria CBF, os dirigentes tenham tentando impor um modelo feminino para que as atletas sigam?

**Karen de Freitas Lang Rocha** - Eu não lembro o ano, mas quando surgiu as sereias da vila eles fizeram um calendário feminino, onde elas meio que posaram sensuais, fizeram poses sensuais e fizeram um calendário pra arrecadar dinheiro e tal. Eu achei bacana né, falei: “pô, é uma ideia bacana”, mas depois olhando assim, porque eu entendi que aquilo ali era um jogo de marketing pra trazer as pessoas não pelo futebol, mas sim pela beleza,

por aquilo tudo. E elas todas assim, entraram em um padrão de como se comportar, de como agir, todas jogavam (a maioria jogava) maquiada. E eu falo que eu não tenho tanto essa coisa né, então eu achei que foi um pouquinho forçado assim pra que elas tivessem um seguimento assim de postura e tal. E eu, sei lá, não achei muito [expressões de dúvida]...ao mesmo tempo era legal assim né, eu acho legal mostrar que a gente tem sentimento, que nós somos mulheres independente de qualquer coisa, que nós merecemos respeito, mas eu acho que mostrar o corpo, ir além, não é uma coisa que nem você vê o Neymar fazer uma propaganda, porque beleza, por mais que seja uma propaganda de Zorba ou qualquer outra coisa, tudo bem, mas ele está ganhando pra aquilo né, está recebendo um dinheiro muito alto. Não, elas não, elas estavam fazendo aquilo ali pra promover o futebol feminino e daí eu já não achei legal. Depois pensando né, revendo, então sei lá, ao mesmo tempo é legal, ao mesmo tempo não (porque daí tem os dois lados né).

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E na CBF você recebeu ou soube de alguma instrução para que as meninas se adequassem?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não, dentro da CBF não. Tinha um padrão, tinha que todo mundo se vestir igual e tal. A gente chegava lá, era o mesmo tratamento, todo mundo era quem era, não tinha diferença, todo mundo recebia a mesma coisa, todo mundo era tratado da mesma forma. A questão é postura, você tem disciplina. Que nem na Marinha, a gente tem que ter disciplina, militar é muito cheio de leis, regras, nós somos subordinadas. No caso a gente recebe ordem, a gente tem que seguir aquele padrão, mas porque nós somos militares. E lá na seleção a gente tinha uma postura, a gente tinha horário, tinha tudo, seguia um, não falo procedimento...como que é o nome? Assim, você tem horários, tem tudo...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Instruções...

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É, a gente tinha tudo certinho, tinha hora de dormir, hora de acordar, então seguia uma padrão e acabava sendo uma coisa natural. Você vai ali pra treinar, pra trabalhar, pra ficar concentrada e você está ali diante do teu sonho, porque se você for bem você permanecerá, e se você não for bem você vai ser dispensada. Então, era

uma coisa legal, mas ao mesmo tempo era um pouco tenso por causa dos trabalhos, porque você tinha que ir bem, você tem que mostrar serviço e todo mundo mostra, e todo mundo quer mostrar. Mas fora isso não, eles não exigiam nada não. Só exigiam que não falassem mal da CBF, só. [risos].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Sim. E você ainda vislumbra, tem o desejo de voltar à seleção?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não é desejo de voltar à seleção, eu tinha desejo de disputar mais uma competição pelo meu país. Assim, eu tinha um desejo enorme de disputar uma Olimpíada. Mundial, eu já disputei um mundial, mas Olimpíadas eu acho que é o ápice, para um atleta é a melhor competição que tem, é o auge, é o auge do atleta. Então assim, o meu sonho mesmo sempre foi a Olimpíada, porque eu me inspirei na Olimpíada de Atlanta, que foi a primeira competição que eu vi futebol feminino né, que eu vi Sissi. Até foi engraçado, que eu vi todas e eu só não joguei com a Sissi, mas eu vi Tânia Maranhão, Pretinha, não sei o que, e depois eu tive oportunidade de jogar contra, jogar com elas e elas foram minha motivação na época pra eu querer ser jogadora, e foi numa Olimpíada. Então eu sei que a Olimpíada é o auge né. E é só por isso, mas assim, como está eu já perdi as esperanças, na forma que a seleção está, como está funcionando hoje, a forma de trabalho, então eu não tenho esperança não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você chegou a disputar o mundial de 2011 com a seleção?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Foi o mundial universitário né.

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É, foi Olimpíadas universitárias.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Olimpíadas universitárias, certo. E você tem noção de quantas vezes você foi convocada?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não...foram bastante, foram bastante. É porque convocação é assim: são quinze dias e aí você volta, quinze dias e você volta. Eu não lembro direito porque quando estava na preparação do mundial foram várias e aí depois com a seleção principal foi a mesma coisa, no caso que era pra ir pro Sul-americano e eu não estava muito bem, de cabeça né, por tudo que estava acontecendo, até parei de jogar na época (pra mim eu não ia jogar mais bola), eles que não deixaram eu vir pra casa, não deixaram eu parar, mas daí fui (eu não sei), umas cinco [convocações]. Eu não contava não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você chegou a receber propostas de clubes do exterior? Teve vontade de jogar fora?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Na verdade, concreta mesmo, só teve de uma Universidade nos Estados Unidos e eu não tinha terminado o Ensino Médio. Eu tinha recebido um convite pra ir morar em Nova York e eu ia ter no começo uma pessoa só pra me ajudar nessa parte pra aprender o inglês. Eu ia pra lá justamente pra jogar né, ia pagar tudo com o futebol. No contrato que eles me enviaram por carta, e-mail, tudo certinho pra eu poder ir pra lá, o meu problema foi a escola, porque eu estava no segundo ano, eu estava no primeiro ano, eu acho, e aí eu não consegui.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E tinha que ter Ensino Médio completo.

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Sim. [Sinal afirmativo com a cabeça e expressão de pesar].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Entendi.

**Karen de Freitas Lang Rocha.** – É, pra ir pra Universidade tinha que ter terminado.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E aí depois você nunca mais recebeu convite?

**Karen de Freitas Lang Rocha** - Não, por causa da idade também né, porque pra eles lá nos Estados Unidos é até os 22, e eu terminei os estudos com 22.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E as condições de viagem que a CBF oferece, condições de tratamento do futebol feminino, de que maneira você vê?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Então, porque na verdade é tudo pago né. A gente não tem gastos quando viaja, você só vai ter gastos com uma coisa ou outra que você vai comprar pra você. Eu acho que (eu não sei se é a opinião de todas), mas eu acho que a única falha da CBF é não valorizar, agora que eu acho que está melhorando, porque com essa seleção permanente as meninas tem um salário, que pra mim é a mesma coisa que um clube, elas estão ali como se estivessem em um clube. Enfim, antigamente a única coisa que eu achava pouco era o dinheiro que era pra ser distribuído. Eu acho que essa ligação com a FIFA, de a FIFA ter uma verba certa para o futebol feminino para as categorias de base, eu acho que não é repassado para o feminino, porque no masculino há um retorno muito rápido de dinheiro pra eles e no feminino não. E eu não sei até aonde a CBF quer que o futebol feminino realmente cresça no país, porque já era pra ter estourado, já era pra seleção feminina ter conquistado a medalha de ouro, realmente ter tido espaço no futebol brasileiro. E a questão é que eu acho que não tem o apoio merecido mesmo. A CBF não tem muito interesse com as competições no país. Nós sabemos que o [Campeonato] Brasileiro (isso é a informação que eu tenho, eu não sei se é a verdadeira), mas eu sei que a CBF recebe 10 milhões só pra fazer o Campeonato Brasileiro, fora o que recebe da FIFA. E a competição é rápida, o que era pra durar seis meses, dura três meses, entendeu? E as equipes ainda passam perrengue, porque eles demoram pra reembolsar as equipes, e as equipes nem sempre fornecem o conforto que a competição deve dar pras atletas né. Enfim, é um monte de coisa que acontece que a gente fica até desanimada né, porque a gente não sabe aonde está essa fiscalização, porque eu acho que deveria ter uma fiscalização, eu acho que deveria ter um acompanhamento pra ver se todo esse dinheiro está realmente sendo distribuído pra competição, para as equipes. 10 milhões é muito dinheiro, pra mim é muito dinheiro, são muitas coisas que acontecem [gestos de confusão], é muito dinheiro, muito dinheiro envolvido e a gente não vê esse dinheiro rodar, entendeu? Então eu acho que a CBF nessa parte está muito longe de qualquer equipe de fora, do Canadá ou dos Estados Unidos. Você vai lá para os Estados Unidos, eu não sei se você viu, mas esses dias passou um amistoso contra a seleção e as meninas estavam lá pra se despedir da seleção, e aí tinham máscaras das meninas, a torcida fazendo festa, o estádio

lotado, porque que lá é diferente daqui? E isso com certeza tem o apoio da Federação dos Estados Unidos, com certeza né. Então assim, é frustrante ver a situação em outros países e saber que no país do futebol não tem esse apoio né, é difícil.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E com relação ao Campeonato Brasileiro, algumas atletas da seleção foram draftadas, não foram?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Isso, um draft que eles fizeram.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E no seu clube chegaram essas atletas?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Chegaram, foram três jogadoras. A Mônica, zagueira, a Rafaela, atacante e a Maurine.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E aí elas disputaram...

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Isso, foi bem no período que nós fomos para o mundial. Nós fomos e elas chegaram, aí elas jogaram dois jogos só com a gente, assim, com a equipe completa, só dois jogos.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E aí elas retornaram para a seleção?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Aí retornaram para a seleção. Acho que a Maurine conseguiu jogar só um jogo, porque ela machucou. E as outras duas jogaram quase todos os jogos.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Mas e nos clubes que chegaram a final as atletas foram até os últimos jogos?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É, elas só entraram na competição nas oitavas de finais da competição. Nas oitavas de final? É. Porque era dividida em etapas, 1ª fase, 2ª fase, então as oitavas de final foi como uma fase, só que como uma chave e aí tinham quatro equipes que jogavam ida e volta. No caso quando nós fomos pra lá, acho que foram quatro

rodadas que elas jogaram, porque no total eram seis jogos. Aí elas conseguiram jogar com a gente né, e se a gente fosse pra final elas jogariam as semifinais, até a final. Aí quem passou, as equipes que passaram continuaram com essas meninas no grupo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E no seu clube, como funciona a parceria entre o Flamengo e a Marinha? Vocês entram militares e aí se tornam atletas ou o caminho é inverso.

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Então, vou te falar primeiro como funciona a Marinha, porque é ela a responsável por tudo, na minha carreira hoje dentro do futebol né. Então o que que acontece...quando eu resolvi ir pra Marinha eu fiz um curso pra ser militar primeiro, então, através do meu currículo, de toda a história que eu tenho no futebol, leva-se uma pontuação. E aí as jogadoras selecionadas vão lá e fazem os exames pra ver se vão ser aprovadas, exames ginecológicos, exames médicos. E aí depois disso tem o processo pra entrar na Marinha, mas esse processo já é certo que você vai entrar. Então dai nós fizemos o curso, que dura um mês, um mês e pouco, e ai nós somos atletas da Marinha. Mas o que que acontece, a Marinha não é clube, é instituição, e por isso ela não pode participar das competições nacionais. Então a maioria dos atletas que treinam (porque são muitas modalidades, tudo o que você imaginar que tem nas Olimpíadas tem dentro da Marinha, Exército e Aeronáutica, das forças armadas) fazem parceria com os clubes. Então ela já fez parceria com o Vasco, com o Botafogo e agora com o Flamengo. Eu sou terceiro sargento hoje, que é um contrato que pode durar até oito anos. Então, todo ano tem que renovar, porque através do meu trabalho eu sou avaliada. É como em um clube, você joga em um clube e no outro ano você não sabe se vai jogar ou não. Só que nós temos todos os direitos de militar, então eu recebo 13º, eu recebo férias e qual é a ideia deles quando fazem essa junção com os clubes? É porque a Marinha entra com o produto que somos nós e eles na verdade só dão a camisa, então o Flamengo só está com essa parceria com a gente porque só está com a camisa.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Então eles não atuam no pagamento dos salários?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não, e eles não fornecem...assim, a única coisa que eles vem fornecendo pra gente é que eles fazem a contratação das atletas, por exemplo, se vem

uma jogadora que estava no Corinthians, aí tem que pagar transferência, tal, tal, tal. Eles entram com isso, porque a jogadora está entrando pro Flamengo. Eles tem gasto com o Campeonato Carioca, que toda vez tem que pagar taxa de arbitragem, tudo mais, então eles vão lá e pagam isso. Só que em outras competições, por exemplo, Brasileiro e Copa do Brasil é tudo pela CBF. No caso, a gente recebe dinheiro do Ministério do Esporte no Brasileiro e é repassado pra CBF, que repassa pros clubes. Então, o Flamengo não tem gasto nenhum. Na copa do Brasil é a mesma coisa, a CBF que tem esse dinheiro que vem da FIFA (isso que a gente sabe né) e é repassado pros clubes pra ter a Copa do Brasil.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E essas atletas que são convocadas pelo Flamengo entram para a Marinha depois? Fazem curso?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Sim ou não, porque é por currículo né. Que nem agora, a gente tem algumas atletas que a gente fala até que são civis [risos], não são militares, então tem essa divisão. Elas tem moradia na Marinha, tem alimentação, mas elas não ganham passagem, porque a Marinha não consegue pagar elas se elas não forem militares e aí quando entra no processo de seleção que todo ano abre vagas, abre edital, aí quando abre edital elas entram com o currículo e aí se for aprovado, se elas fizerem pontuação elas podem entrar ou não na Marinha.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Entendi. Você enxerga caminhos de mudança para o futebol feminino no Brasil? Algum caminho que você ache correto para que a modalidade cresça no país?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Caminhos corretos? Olha, eu falo muito de coisas que eu ouço falar, que eu acompanho e eu não posso falar nada que eu não veja né. Mas assim, o meu sonho é que realmente o esporte tenha o devido valor, e eu sei que não vai ser pra mim, vai ser pra outras jogadoras, outras gerações que vão vir depois. A questão é que eu não consigo ver, o nosso país tem uma corrupção tão grande [risos], as pessoas se vendem por tão pouco, que eu não consigo ver isso tão próximo. Agora, nesse final de ano, é que eu comecei a ter um pouquinho de esperança, porque se cada um puder brigar um pouquinho aqui, um pouquinho ali né, cada um fazer sua parte, se unir, eu acho que vai dar alguma coisa. Mas, se eu lutar sozinha, eu não vou conseguir. Então eu acho que as coisas estão

começando, a gente vê coisas pela internet, pelo face, acompanhando algumas jogadoras, amigas, eu vejo que estão tentando se mobilizar pra isso acontecer né, até porque foi divulgado algumas coisas, notas assim que a FIFA mandou dinheiro justamente pra difundir o futebol no país. Então assim, se as crianças começarem a ter interesse em jogar futebol, pra mim já vai ser uma grande coisa, porque, pelo menos, eu, de alguma forma, ajudei. Agora, eu realmente ter certeza que isso vai acontecer, eu já não sei, porque a pessoa que estiver a frente não pode viver nesse mundo de corrupção que acontece no país, ela tem que ter uma cabeça muito boa, então eu já não sei, eu não sei se eu consigo ter esperança. Eu tenho expectativas que aconteça, mas esperança que isso vai acontecer logo [negação com a cabeça]. Na minha geração não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você já foi treinada por mulheres nos clubes que você passou?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Já. A primeira vez foi na seleção paulista (até esqueci de falar, joguei pela seleção paulista), que eles montaram em 2004. Foi até por isso que eu fui pra seleção, através de um amistoso, a primeira vez que eu fui pra sub19 foi através desse amistoso e eram técnicas mulheres.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você vê diferença?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Não há resistência por parte das próprias atletas?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Pelo contrário. Achei que o respeito foi muito maior.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – É?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – É, porque assim, mulher se conhece né, sabe chegar no ponto e eram pessoas que foram jogadoras né, não eram meninas que caíram do céu. Talvez não tiveram futebol de Romário né [risos], não tiveram uma carreira dentro do futebol, até porque não tem espaço, mas elas conheciam muito as quatro linhas, eram

inteligentes e o trabalho delas era muito eficiente. Em pouco tempo a equipe se entrosou. Era um time muito cru na época que a gente chegou, porque a gente saiu em sete jogadoras do Santos e a gente foi integrar a equipe dela pra ajudar e montar a seleção paulista. E o time dela não era conhecido, mas com o conhecimento dela a gente conseguiu jogar super bem.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Você alguma vez teve empresário?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Só um.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Te ajudou?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Ah, ele não fez nada, só abriu a porta né. Não pediu nada (a gente não ganhava nada né). Ele falou: “eu não vou ganhar dinheiro com vocês”. Mas, deu uma oportunidade né.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Pra finalizar, você gostaria de deixar uma mensagem para as meninas que tem vontade em ter uma carreira no futebol?

**Karen de Freitas Lang Rocha** – Eu acho que em qualquer coisa na vida né, a gente tem que acreditar no que a gente quer fazer, no nosso sonho, em qualquer coisa. Se acreditar que aquilo que você quer fazer vai dar certo, então vai fundo. Se não der certo, você vai pra outra coisa, vai pra outro caminho. E se quer tenta, então vai e corre atrás. Porque eu queria ser jogadora, mas eu não sabia que um dia eu iria pra fora do país jogando bola. Então, se for pra tentar, que tente de coração, de corpo e alma, que seja uma coisa séria. Se for pra brincar também não vai dar certo. Então, em qualquer coisa na sua vida que aja com sinceridade consigo mesmo porque as coisas vão acontecendo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Muito obrigada Karen.

[FINAL DA ENTREVISTA]